



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 24/01/2019



EUA: Corpo do Exército libera guia crucial para reduzir o risco de enchentes e aumentar a resiliência

Por Shannon Cunniff

Nesta semana, o Corpo de Engenheiros do Exército divulgou formalmente um importante guia de recursos, " Engenharia com a natureza: um atlas ". Esse não é o típico atlas oficial de mapas e figuras. É um primeiro passo importante para ampliar a compreensão, consideração e aceitação da infraestrutura natural como uma estratégia de redução de risco de inundação e resiliência.

O compêndio brilhante de 56 projetos do Corps mostra que restaurar a natureza e usar recursos e processos baseados na natureza - como dunas, áreas úmidas, recifes, várzeas e rios - pode gerar benefícios econômicos, ambientais e sociais reais com eficiência.

Aqui estão quatro maneiras pelas quais o atlas ajuda a promover soluções de infraestrutura natural.

1. Iniciando uma conversa sobre infraestrutura natural

Informativo e bonito o suficiente para enfeitar a mesa de café de todos os escritórios de engenheiros do distrito da Corps, o atlas iniciará conversas importantes sobre soluções de infraestrutura natural com parceiros locais do projeto. Demonstra visualmente a arte do que é possível e mostra que o Corpo pode desenvolver projetos sustentáveis e amigos do meio ambiente para atender às necessidades das comunidades locais.

2. Conforto dos engenheiros de construção com soluções naturais

O atlas ajuda a contar a história econômica e de engenharia de vários projetos de restauração focados na natureza. Sem fornecer muitos detalhes, sugere as análises técnicas que sustentam cada projeto.

As fotos também ajudam a mostrar que esses projetos, quando em construção, parecem familiares aos engenheiros da tradicional infraestrutura cinza e endurecida, pois envolvem máquinas pesadas e equipamentos para construir. Isso ajuda a criar confiança entre a comunidade de engenharia de que projetos de redução de risco de inundação baseados na natureza exigem habilidades de design, conhecimento de construção e habilidades de resolução de problemas para os quais os engenheiros são conhecidos. As ilustrações também revelam como esses projetos podem produzir resultados incrivelmente bonitos.

3. Estabelecendo uma precedência para projetos baseados na natureza

Há uma grande variedade de recursos de infraestrutura natural que podem ser aproveitados para realizar a missão do Corpo de reduzir os danos causados por tempestades e enchentes, manter os canais de navegação, criar locais para recreação e promover a administração ambiental. Ao estabelecer que outros distritos do Corpo já implementaram projetos naturais e baseados na natureza dentro das autoridades existentes, o atlas facilita a busca de projetos similares em outros lugares.

4. Incorporando as lições aprendidas no planejamento e projeto futuros

Agora que os distritos do Corpo demonstraram que podem projetar com a natureza, o próximo passo é incorporar totalmente recursos naturais e baseados na natureza no planejamento e projeto de projetos de redução de danos por tempestades e enchentes.

Para ajudar com isso, o Corps está atualmente liderando um grupo internacional de especialistas, incluindo a equipe da EDF, para desenvolver diretrizes para o planejamento e projeto de projetos de infraestrutura naturais e baseados na natureza. Essas diretrizes devem estar disponíveis em 2020.

Com um número crescente de recursos disponíveis, o Corpo agora pode se concentrar na implementação de soluções naturais, incentivando seus distritos a considerar sistematicamente e seriamente e incorporar a infraestrutura natural em seus estudos. Isso ajudará a tornar a infraestrutura natural a regra, não a exceção.

FONTE: <http://blogs.edf.org/growingreturns/2019/01/16/army-corps-guide-reducing-flood-risk-increasing-resilience/>

SCIENTIFIC REPORTS 

EUA: Como os limpadores de para-brisa dos veículos conectados poderiam ajudar a evitar inundações

Nós fomos prometidos todos os tipos de benefícios de um futuro de veículos conectados, mas controle de inundação?

Uma das características mais antigas do seu carro foi colocada em um novo uso de alta tecnologia pelos pesquisadores da Universidade de Michigan.

Utilizando uma frota de teste na cidade de Ann Arbor, os engenheiros rastrearam quando os limpadores estavam sendo usados e combinaram com o vídeo das câmeras integradas para documentar as chuvas. Eles descobriram que rastrear a atividade dos limpadores de para-brisa pode fornecer dados de precipitação mais rápidos e mais precisos do que os sistemas de radar e pluviômetro que atualmente temos instalados.

Uma comunidade armada com esses dados em tempo real poderia se mover mais rapidamente para evitar inundações repentinas ou transbordamentos de esgoto, o que representa uma ameaça crescente à propriedade, infraestrutura e ao meio ambiente.

Juntamente com sistemas de águas pluviais "inteligentes" - infraestrutura equipada com sensores e válvulas autônomos - as municipalidades poderiam, potencialmente, coletar dados de veículos conectados para prever e evitar inundações.

"Esses veículos nos oferecem uma maneira de obter informações sobre precipitação em resoluções que não tínhamos visto antes", disse Branko Kerkez, professor assistente de engenharia civil e ambiental da UM. "É mais preciso do que o radar e nos permite preencher as lacunas deixadas pelas redes existentes de pluviômetros."

Nossos melhores alertas para as condições de inundação vêm da combinação de rastreamento de radar de satélites e pluviômetros espalhados por uma ampla área geográfica. Ambos têm pouca resolução espacial, o que significa que eles não têm a capacidade de capturar o que está acontecendo no nível da rua.

"O radar tem uma resolução espacial de um quarto de milha e uma resolução temporal de 15 minutos", disse Ram Vasudevan, professor assistente de engenharia mecânica da UM. "Os limpadores, ao contrário, têm uma resolução espacial de alguns metros e uma resolução temporal de alguns segundos, o que pode fazer uma enorme diferença quando se prevê a inundação de flashes."

No início deste ano, a Academia Europeia de Ciências informou que o número de inundações e eventos extremos de precipitação aumentou em mais de 50% nesta década e acontece quatro vezes mais do que em 1980.

"Devido à escassez de dados de radar e pluviômetro, não temos informações suficientes sobre onde a chuva está ocorrendo ou quando ela está ocorrendo para reduzir as consequências das inundações", disse Vasudevan. "Se você tem previsões de grãos finos de onde ocorre a inundação, você pode controlar as redes de água de forma eficiente e eficaz para evitar que todos os tipos de produtos químicos perigosos apareçam dentro do nosso abastecimento de água devido ao escoamento."

Criar um sistema abrangente de sensores em uma cidade para dados de nível de rua sobre eventos de chuva seria caro. Utilizando veículos conectados, a UM está usando um recurso já em vigor que só crescerá no futuro.

Os pesquisadores coletaram dados de um conjunto de 70 carros equipados com sensores embutidos em limpadores de para-brisa e câmeras de painel. Os veículos faziam parte de um programa dirigido pelo Instituto de Pesquisa de Transporte da UM em 2014.

Esse programa, chamado Safety Pilot, era na época o maior programa de testes de veículos conectados do mundo, com cerca de 3.000 participantes. Ele continua e agora é o Ambiente de Teste de Veículo Conectado da Ann Arbor.

Kerkez e Vasudevan disseram que suas pesquisas representam um primeiro passo na criação de um sistema de infra-estrutura inteligente que é alimentado e responde aos dados coletados de veículos na estrada. Mas mais trabalho será necessário para trazer o conceito à fruição.

"Um dia, quando tudo estiver conectado, vamos ver os benefícios dessa coleta de dados em uma escala de sistema", disse Kerkez. "Neste momento, fizemos conexões entre carros e água, mas certamente haverá mais exemplos de compartilhamento de dados entre sistemas de infraestrutura interconectados."

FONTE: <https://news.umich.edu/how-connected-vehicles-windshield-wipers-could-help-prevent-flooding/>

FONTE: <https://www.nature.com/articles/s41598-018-36282-7.pdf>



Estudo da ONU aponta riscos para economias de países lusófonos em 2019 e 2020

Os países lusófonos estão a melhorar em termos económicos, mas enfrentam alguns riscos como dívida pública, variação do preço do petróleo e tensões comerciais.

A conclusão é do relatório Situação Económica Mundial e Perspectivas, produzido pela Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento, Unctad, e o Departamento de Assuntos Económicos e Sociais da ONU, Desa.

Moçambique

Para Moçambique, a agência da ONU prevê que o ritmo de crescimento se mantenha igual ao do ano passado, 3,4%, e que tenha um ligeiro aumento para 4% em 2020.

Em entrevista à ONU News, em Nova Iorque, a especialista em assuntos econômicos do Desa, Helena Afonso, disse que “a economia moçambicana ainda não recuperou de vários choques negativos, nomeadamente a descoberta de dívida oculta em 2016.”

“Para termos uma comparação, a economia moçambicana cresceu cerca 7% ao ano entre 2004 e 2015. A nossa previsão é baseada num crescimento moderado do consumo privado e um maior investimento direto estrangeiro. Particularmente em megaprojetos de gás natural e liquefeito. Em termos de riscos, o maior seria, sem dúvida, o pesado fardo da dívida do setor público, que se encontra acima de 100% do PIB, e uma falta de acordo nas negociações sobre a dívida.”

Angola

Em relação a Angola, a especialista diz que “a situação está a melhorar.” Está previsto um crescimento de 2,4% este ano e 3% no próximo ano, sustentado por maior procura interna.

“Há um aumento da produção petrolífera e de diamantes, mas também efeitos das reformas económicas em andamento, que devem melhorar o clima dos negócios. No entanto, a performance da economia angolana depende muito da evolução do preço do petróleo, o qual prevemos que se mantenha, apesar de tudo, acima de 70 dólares este ano.”

Brasil

A pesquisa prevê uma recuperação moderada para o Brasil, crescendo 2,1% este ano e 2,5% em 2020.

Helena Afonso diz que esta evolução é “sustentada por um maior investimento privado, maior consumo das famílias e continuação de uma política monetária acomodativa e inflação moderada.”

Segundo ela, “os riscos estão equilibrados, mas dependem muito de o novo governo ser capaz de implementar reformas macroeconómicas favoráveis ao mercado e conseguir restaurar a confiança.”

A especialista alerta ainda que “do ponto de vista do desenvolvimento sustentável, seria importante se os planos de governos para liberalizar, desregular e privatizar tivessem em conta, também, as consequências sociais”. Os exemplos seriam “nos povos indígenas, nos mais pobres e nas consequências ambientais.”

Mundo

Segundo as conclusões do relatório apresentado na segunda-feira, o crescimento da economia global atingiu um pico, mas deve continuar crescendo a um ritmo constante de cerca de 3% em 2019 e em 2020.

Apesar das previsões, a pesquisa diz que “uma preocupante combinação de desafios de desenvolvimento pode prejudicar ainda mais o crescimento.”

Em nota, o secretário-geral da ONU, António Guterres, explica que "os indicadores econômicos globais permanecem amplamente favoráveis, mas não contam toda a história".

Segundo ele, existem "preocupações sobre a sustentabilidade do crescimento econômico global devido ao aumento de desafios financeiros, sociais e ambientais."

FONTE: https://www.un.org/development/desa/dpad/wp-content/uploads/sites/45/WESP2019_BOOK-web.pdf



OIT: países devem agir para que inovações criem oportunidades no mundo do trabalho

Inovações sem precedentes no mundo do trabalho oferecem "inúmeras oportunidades", mas os países devem agir para que elas não criem mais desigualdades e incertezas, segundo um novo relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulgado nesta terça-feira (22).

"Inúmeras oportunidades estão à frente para melhorar a qualidade de vida profissional, ampliar as escolhas, reduzir as desigualdades de gênero e reverter os danos causados pela desigualdade global", disse o relatório da Comissão Global sobre o Futuro do Trabalho. "No entanto, nada disso acontecerá por si só. Sem ação decisiva, estaremos agindo como sonâmbulos em um mundo que amplia as desigualdades e as incertezas existentes", completou.

Segundo o relatório, forjar esse novo caminho requer ação comprometida por parte de governos, bem como organizações de empregadores e trabalhadores. "Eles precisam revigorar o contrato social que dá aos trabalhadores uma participação justa no progresso econômico, respeito aos seus direitos e proteção contra risco em troca de sua contribuição contínua para a economia".

O documento sugere que os países garantam direito universal à aprendizagem ao longo da vida; intensifiquem os investimentos em instituições, políticas e estratégias que irão apoiar as pessoas ao longo de transições de trabalho futuras; implementem uma agenda transformadora e mensurável para a igualdade de gênero; forneçam proteção social universal do nascimento até a velhice.

Delineando os desafios colocados pelas novas tecnologias, demografia e mudança climática, a Comissão Global pede uma resposta coletiva e mundial para aproveitar tais mudanças para o bem.

O relatório esclarece que, embora a inteligência artificial, a automação e a robótica possam reduzir empregos, esses mesmos avanços tecnológicos, juntamente a uma economia mais verde, têm o potencial de criar vagas para milhões de pessoas.

“As questões destacadas neste relatório são importantes para as pessoas em todos os lugares e para o planeta”, declarou o diretor-geral da OIT, Guy Ryder. “Elas podem ser desafiadoras, mas ignorá-las é por nossa conta e risco”.

Co-presidido pelo presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, e pelo primeiro-ministro da Suécia, Stefan Löfven, a Comissão Global apresentou uma agenda centrada no ser humano, baseada no investimento em pessoas, instituições de trabalho e emprego decente e sustentável.

Ramaphosa chamou o relatório de “uma contribuição vital” para entender a natureza global das mudanças em andamento, juntamente com aquelas que ainda estão por vir.

“O relatório deve estimular o engajamento e as parcerias dentro e entre as jurisdições nacionais e regionais para garantir que a economia e a sociedade globais se tornem mais equitativas, justas e inclusivas”, disse ele.

O relatório é a culminação de uma análise de 15 meses feita pela Comissão de 27 membros, composta por figuras importantes, inclusive de empresas, grupos de especialistas, organizações governamentais e não governamentais.

Löfven ressaltou, por sua vez, que essas mudanças radicais criam “muitas oportunidades para mais e melhores empregos”, acrescentando que governos, sindicatos e empregadores devem trabalhar juntos para tornar as economias e os mercados de trabalho mais inclusivos.

“Esse diálogo social pode ajudar a globalização a funcionar para todos”, afirmou o co-presidente.

O relatório também destacou o “papel único” da OIT no desenvolvimento e fornecimento de um sistema internacional com uma “agenda econômica centrada no ser humano”, e pediu à agência da ONU que dê atenção urgente à implementação das recomendações do relatório.

“O mandato da OIT, reunindo governos, empregadores e trabalhadores de todas as partes do mundo, significa que a organização está bem preparada para agir como uma bússola e um guia para ajudar a abrir novos horizontes no trabalho para as próximas gerações”, concluiu Ryder.

Criada em 1919, no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, a OIT comemora 100 anos de defesa do trabalho decente e da globalização justa.

FONTE: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---cabinet/documents/publication/wcms_662410.pdf



Engenharia com a natureza: um atlas

Este atlas é uma coleção de 56 estudos de caso de projetos que ilustram um portfólio diversificado de contextos, motivações e resultados bem-sucedidos que integram processos naturais em estratégias de engenharia que suportam navegação, gerenciamento de riscos de enchentes, restauração de ecossistemas ou outros propósitos. Desenvolver projetos que combinam sistemas naturais e projetados para produzir mais valor e uma gama mais ampla de benefícios está ganhando cada vez mais atenção em todo o mundo.

Esse atlas foi criado para destacar e compartilhar exemplos dessa prática - e esforços para obter simultaneamente benefícios de engenharia, ambientais e sociais - de todo o mundo. Esses projetos são apresentados e considerados neste atlas usando uma lente da Engineering With Nature como um meio de revelar o uso de abordagens baseadas na natureza e a gama de benefícios que podem ser alcançados.

FONTE: https://ewn.el.erdc.dren.mil/img/atlas/ERDC-EL_SR-18-8_Ebook_file.pdf

Pacific Standard

EUA: Fora do mapa: o problema com os mapas de inundação da FEMA para a Costa Leste

Annie Avilés

Hoje, 88% da costa do Maine é de propriedade privada e, de acordo com o [Island Institute in Rockland](#), menos de 20 dos mais de 8.000 quilômetros de costa do estado continuam funcionando à beira-mar. Grande parte dessa propriedade privada é de casas de veraneio, usadas alguns meses do ano. Na verdade, de acordo com o Censo de Habitação dos EUA de 2010, quase 16% das casas do Maine são segundas residências, mais de cinco vezes a taxa nacional, e a taxa mais alta nos Estados Unidos. Mas enquanto Mainers de longa data resmungam sobre "pessoas de verão" a economia logo se ajustou à nova realidade. No mínimo, mais visitantes significavam mais dólares em turismo. Mesmo em cidades como Stonington, onde a indústria pesqueira se mantinha e prosperava, as economias costeiras do Maine se tornaram cada vez mais dependentes dos turistas e das indústrias dedicadas a servi-los. O "Vacationland"

Então, quando a crise imobiliária americana atingiu uma década atrás, foi particularmente devastadora. O colapso trouxe uma queda enorme, não só nas indústrias imobiliária e imobiliária, mas também no turismo. A maioria das cidades costeiras foram profundamente afetadas - e estavam apenas começando a se posicionar

novamente após anos de lenta recuperação quando o redesenho dos mapas da FEMA foi anunciado. Depois de 15 anos vivendo, ouvi pela primeira vez sobre o plano alguns meses antes de voltar atrás e fui pego de surpresa por quão político e contencioso se tornou o processo e como ele parecia destacar a crescente disparidade de renda do estado. A FEMA começou seu remapeamento ao longo da parte sul do estado e continuou gradualmente a nordeste. Lugares como Portland, Cape Elizabeth e Scarborough têm alguns dos maiores valores de propriedade do estado, e os moradores rapidamente contrataram consultores para combater as mudanças. Eles conseguiram adiar todo o processo de aprovação para o sul do Maine, para que os mapas pudessem ser avaliados com mais detalhes. Hoje, quatro anos depois, os mapas permanecem em espera, com os mapas mais antigos e menos restritivos ainda em vigor - evitando novos custos e impactos econômicos, pelo menos por enquanto.

Enquanto isso, a FEMA continuou a subir a costa. Mapas atualizados e mais restritivos foram liberados e, em muitos casos, aprovados para outras partes da costa. Algumas dessas cidades também contestaram seus mapas e interromperam o processo. Alguns não têm. Como o processo de mapeamento dependia não apenas da ciência ambiental, mas de quem poderia arcar com a dispendiosa luta, ela criou essencialmente dois mapas concorrentes: uma versão mais detalhada e precisa para pessoas com mais dinheiro e outra versão provavelmente menos precisa do litoral para aqueles com menos.

Todos com quem conversei - especialistas, funcionários do estado, residentes e agentes imobiliários - concordaram que a leitura dos novos mapas da FEMA em qualquer detalhe sem perícia e software caro é difícil, e que contestá-los sem perícia e software caro é impossível. E a FEMA não transmitia o fato de que muitos mapas continham erros, pelo menos em parte porque não sabia exatamente se e onde os erros haviam ocorrido até que um consultor particular fosse contratado por uma cidade ou indivíduo. (Mais uma vez, a FEMA contesta: "Durante todo o processo de atualização do mapa de enchentes, a FEMA aplica um rigoroso processo de revisão da qualidade em oito etapas, que inclui revisões independentes", disse o comunicado. Kathleen Billings [gerente da cidade de Stonington] disse,

FONTE: <https://psmag.com/magazine/off-the-map-coastal-flooding-maine-east-coast-insurance>

The New York Times

EUA: Em Nova York, desenhar mapas de inundação é um 'jogo de polegadas'

Com seus 520 quilômetros de litoral e milhares de hectares de desenvolvimento à beira-mar, Nova York tem mais moradores vivendo em zonas de inundação de alto risco do que qualquer outra cidade do país. O furacão Sandy, a devastadora tempestade de outubro de 2012, causou danos de US \$ 19 bilhões à cidade, e o ritmo de desenvolvimento ao longo da água só aumentou.

Agora, depois de um ano em que os furacões devastaram Houston e o Caribe, a Agência Federal de Gerenciamento de Emergências redesenvolveu os mapas de inundação de Nova York pela primeira vez em três décadas. É um processo meticuloso que afetará dezenas, se não centenas, de milhares de pessoas, determinando como e onde os edifícios podem ser construídos e o custo do seguro contra inundações em tudo, desde bangalôs modestos até arranha-céus de luxo.

Nova York será a primeira grande metrópole a ser remapeada levando-se em conta as realidades da mudança climática, como a elevação do nível do mar e tempestades cada vez mais poderosas.

Os novos modelos, para áreas costeiras que se estendem de Cape May até o Vale do Hudson, serão usados para moldar os futuros padrões de zoneamento, desenvolvimento e construção da cidade para ajudar a torná-la mais sustentável. Como resultado, dizem autoridades da FEMA e da cidade, Nova York pode ser um exemplo para outros lugares do país.

FONTE: <https://www.nytimes.com/2018/01/07/nyregion/new-york-city-flood-maps-fema.html>

EVENTOS



Workshop “Coprodução na gestão de riscos de escorregamentos em assentamentos precários”

Workshop “Coprodução na gestão de riscos de escorregamentos em assentamentos precários”

Data: 29/01/2019, terça, das 9h às 17h

Local: Auditório Prof. Francisco Landi no Prédio da Administração da Escola Politécnica da USP

Objetivo:

Apresentar e discutir o desenvolvimento da pesquisa “Coprodução de estratégias de gestão de riscos de escorregamentos por meio do desenvolvimento de infraestruturas de base comunitárias nas cidades latino-americanas”. O objetivo da pesquisa é analisar se o método empregado no projeto anterior a este, que foi desenvolvido em Medellín/Colombia, com a mesma temática, poderia ser utilizado na cidade de São Paulo e desta maneira verificar a sua escalabilidade para demais cidades latino-americanas em similares situações. Estas situações estão relacionadas com as favelas, o risco de escorregamentos de encostas neste tipo de ocupação e a participação da comunidade e dos órgãos técnicos e de defesa civil na prevenção deste tipo de risco em um quadro

de resiliência urbana. Esta pesquisa conta com o apoio da British Academy e de seu programa GCRF, Global Challenges Research Fund: Cities & Infrastructure.

Desta pesquisa participam equipes da Heriot-Watt University (coordenação do projeto pelo Prof. Harry Schmidt), University of Edinburgh, Universidad Nacional de Colombia e da **USP/Politécnica (coordenação dos Profs. Alex Abiko do PCC, Departamento de Engenharia de Construção Civil, e Fernando Marinho do PEF, Departamento de Engenharia de Estruturas e Geotécnica)**. Da equipe de pesquisa brasileira também fazem parte o IPT, Instituto de Pesquisas Tecnológicas e os pesquisadores do IG, Instituto Geológico, da Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Além destas equipes participarão do workshop a CDHU, as Prefeituras de São Paulo e de Taboão da Serra e a comunidade da Vila Nova Esperança onde o projeto se desenvolve.

FONTE:<https://www.poli.usp.br/evento/workshop-coproducao-na-gestao-de-riscos-de-escorregamentos-em-assentamentos-precarios>

Workshop: "Coprodução na gestão de riscos de escorregamentos em assentamentos precários"

Data: 29/01/2019 (Terça-feira)

Horário: 09h às 17h

Local: Avenida Professor Luciano Gualberto, 380 - Butantã
Auditório Prof. Francisco Landi - Prédio da Adm. da Escola Politécnica da USP

O objetivo do workshop é apresentar e discutir o desenvolvimento da pesquisa "Coprodução de estratégias de gestão de riscos de escorregamentos por meio do desenvolvimento de infraestruturas de base comunitárias nas cidades latino-americanas". A pesquisa aplica uma metodologia, já utilizada em Medellín/Colômbia, para uma área de risco na cidade de São Paulo, e desta maneira verifica a sua escalabilidade para demais cidades latino-americanas em situações similares. Estas situações estão relacionadas com as favelas, o risco de escorregamentos de encostas neste tipo de ocupação e a participação da comunidade e dos órgãos técnicos e de defesa civil na prevenção deste tipo de risco em um quadro de residência urbana. Esta pesquisa é financiada pela British Academy dentro do seu programa GCRF, Global Challenges Research Fund: Cities & Infrastructure.

Desta pesquisa participam equipes da Heriot-Watt University (coordenação do projeto pelo Prof. Harry Smith), University of Edinburgh, Universidad Nacional de Colombia e da USP/Politécnica (coordenação dos Profs. Alex Abiko e Fernando Marinho). Da equipe de pesquisa brasileira também fazem parte o IPT e os pesquisadores do Instituto Geológico (IG), da Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Além destas equipes participarão ao workshop a CDHU, as Prefeituras de São Paulo e de Taboão da Serra e a comunidade da Vila Nova Esperança onde o projeto se desenvolve.

Programação

08:00	Credenciamento	
09:00	Abertura	Profa. Liedi Bernucci - Diretora da Politécnica
09:20	Apresentação do Projeto	Harry Smith - University of Edinburgh
09:40	Experiência em Medellín / Colômbia	Françoise Coupe - Universidad Nacional de Colombia
10:00	Intervalo	
10:20	Experiência em São Paulo / Brasil	Alex Abiko - Universidade de São Paulo
10:40	Vila Nova Esperança - Resistindo com Sustentabilidade	Lia - Líder comunitária
11:00	Debates	
12:00	Intervalo	
13:30	Projetos de Gestão de Riscos desenvolvidos pela USP	Fernando Marinho - Universidade de São Paulo
14:00	Gestão de Risco no Brasil	Eduardo Macedo - Instituto de Pesquisas Tecnológicas
14:30	Gestão de Risco no Estado de São Paulo - PDN e Defesa Civil	Eduardo Andrade - Instituto Geológico
15:00	Intervalo	
15:30	Gestão de Risco na cidade de São Paulo	Ronaldo Malheiros - Prefeitura de São Paulo
16:00	Organização de Favelas	Renate Doud - CDHU
16:30	Mesa Redonda	

Entrada Franca - Inscrições: <https://bit.ly/2FLOLrD>

Organização



Apoio



Realização



INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>